

NOVA

escola

Pesquisas e políticas

O que elas indicam para
a Educação do Brasil

UMA PUBLICAÇÃO



**ESTUDOS E PESQUISAS
EDUCACIONAIS**

EDIÇÃO ESPECIAL Nº 16



Conectando pessoas e instituições podemos transformar o *Futuro*.

A **Fundação Telefônica Vivo** nasceu da vontade de melhorar a qualidade de vida de crianças e jovens através daquilo que o Grupo Telefônica tem de melhor: a tecnologia.

Desde 1999, nosso compromisso é impactar de forma positiva a vida de milhares de pessoas nos 16 países em que estamos presentes.

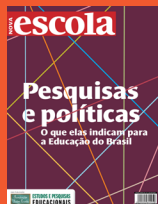
Buscamos antecipar as tendências sociais e o desenvolvimento de novas tecnologias para aplicar às nossas linhas de atuação: Educação e Aprendizagem, Combate ao Trabalho Infantil, Inovação Social e Voluntariado.

www.fundacaotelefonica.org.br

Fundação Telefônica

Telefônica

vivo



Edição especial sobre a pesquisa da Fundação Victor Civita (FVC) Estudos e Pesquisas: Contribuições para Políticas Educacionais, realizada em parceria com o Itaú BBA e a Fundação Telefônica e concluída em junho de 2013.

Coordenadoras:
Sofia Lerche Vieira
e Eloísa Maia Vidal.

Colaboração:
Iasmin da Costa
Marinho e Pamela
Felix Freitas.

4 Apresentação

6 Lições aprendidas – Oito propostas para a Educação

- 6** Valorizar os docentes e a equipe escolar
VERA PLACCO
- 7** Usar as avaliações externas para aprimorar o ensino
JOSÉ FRANCISCO SOARES
- 8** Incorporar a tecnologia à sala de aula
MÁRCIA PADILHA
- 9** Articular as etapas da Educação Básica
CARLOS ROBERTO JAMIL CURY
- 10** Criar mecanismos para melhorar o clima escolar
FERNANDO LUIZ ABRUCIO
- 11** Cuidar da qualidade e do acesso à Educação Infantil
MARIA MALTA CAMPOS
- 12** Educar para as habilidades do futuro
MARIA ALICE SETÚBAL
- 13** Promover a aprendizagem de todos
MARIA DE SALETE SILVA

14 Entrevista

José Eustáquio Romão



Fundada em 1985

VICTOR CIVITA
(1907-1990)

ROBERTO CIVITA
(1936-2013)

Presidente: Victor Civita Neto

Diretora Executiva: Angela Dannemann

Conselheiros: Victor Civita Neto, Giancarlo Francesco Civita, Roberta Anamaria Civita, Beatriz Gerdau Johannpeter, Fábio Barbosa, Claudio de Moura Castro, Jorge Gerdau Johannpeter, Manoel Amorim e Marcos Magalhães

EDIÇÃO ESPECIAL PESQUISAS E POLÍTICAS – O QUE ELAS INDICAM PARA A EDUCAÇÃO DO BRASIL

Diretora de Redação: Maggi Krause
Redatora-chefe: Denise Pellegrini
Diretora de Arte: Manuela Novais
Coordenadora Pedagógica: Regina Scarpa
Editora: Ana Lígia Scachetti
Editora de Arte: Alice Vasconcellos
Gerente de Projetos: Mauro Morellato

Analista de Planejamento e Controle Operacional: Kátia Gimenes
Processos Gráficos: Vitor Nogueira
Colaborou nesta edição: Sidney Cerchiaro (revisão)

Edição especial Pesquisas e Políticas – O Que Elas Indicam para a Educação do Brasil é uma publicação da área de Estudos e Pesquisas da Fundação Victor Civita (estudosepesquisas@fvc.org.br).

INTERGRAF INDÚSTRIA GRÁFICA EIRELI
Rua André Rosa Coppini, 60/90 - Planalto - CEP: 09895-310
São Bernardo do Campo/SP

Parceiros



Fundação Telefônica

Um mergulho nas pesquisas educacionais

Análise buscou conexões entre 15 estudos encomendados pela Fundação Victor Civita e outras dez publicações nacionais e internacionais

ANA LIGIA SCACHETTI ana.scachetti@fvc.org.br



RAONI MADDALENA

“A valorização dos profissionais é importante para que se alcance bons resultados e para que a escola cumpra sua função social.”

SOFIA LERCHE VIEIRA,
pesquisadora

O que as pesquisas em Educação indicam para as políticas públicas nessa área? Os formuladores de políticas se baseiam nos resultados de estudos para tomar suas decisões? Como essas duas áreas – pesquisas e políticas – têm se relacionado? Para responder a essas questões, a Fundação Victor Civita (FVC) acaba de realizar o levantamento Estudos e Pesquisas: Contribuições para Políticas Educacionais, em parceria com o Itaú BBA e a Fundação Telefônica.

Durante oito meses, as pesquisadoras Sofia Lercche Vieira e Eloísa Maia Vidal, ambas da Universidade Estadual do Ceará (Uece), esmiuçaram as pesquisas realizadas e as políticas públicas implantadas no Brasil desde 2006 (*leia a linha do tempo na página seguinte*). Ao todo, 25 estudos foram contemplados e divididos em quatro temas: gestão escolar, gestão pedagógica, gestão da formação e gestão da oferta. Dos trabalhos analisados, 15 são da FVC e tratam de assuntos como a carreira docente, as avaliações externas, a formação inicial e continuada e os desafios de todas as etapas da Educação Básica. Outros cinco estudos nacionais e cinco internacionais completaram a amostra. As pesquisas foram selecionadas por terem a chancela do governo federal ou de agências internacionais como o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef, sigla em inglês).

O papel central do professor no esforço pela qualidade do ensino é indicado por vários dos estudos e também é um aspecto que foi contemplado na legislação nesse período, apesar de as

pesquisas mostrarem também que a graduação nessa área ainda não prepara adequadamente o docente para atuar na Educação Básica. “A valorização dos profissionais é importante para que se alcance bons resultados e para que a escola cumpra sua função social, afinal a Educação é um empreendimento humano e complexo, que requer recursos, compromisso das pessoas e competência técnica”, avalia Sofia. “Na última década, as políticas públicas deram passos importantes na direção do reconhecimento dos docentes, embora muitos estados não cumpram as determinações.” Hoje há, por exemplo, a Lei do Piso e várias iniciativas de formação, como o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) e o Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor).

Outro fator que gerou grande impacto de 2006 para cá é a consolidação das avaliações externas. “Os indicadores de qualidade permitem mensurar o desempenho dos alunos de uma forma sintetizada e os estudos mostram que isso tem provocado uma nova cultura nas redes e nas escolas”, resume a pesquisadora.

Conclusões como essas apresentadas foram obtidas depois que os pesquisadores retomaram os principais achados de cada levantamento e construíram as convergências entre eles. Destacaram, então, os principais problemas ligados à Educação e as possíveis soluções. Como resultado, chegaram a oito propostas para a área, que você confere na reportagem seguinte, a partir da página 6.

LINHA DO TEMPO

Políticas

Estudos

O Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (Fundeb) é criado e nasce a Universidade Aberta do Brasil (UAB). O Programa Escola de Gestores é oficializado e ampliado para todos os estados.

2006

Um novo indicador de qualidade educacional é instituído: o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb). E o Plano de Ações Articuladas (PAR) destina recursos para as prioridades diagnosticadas por redes de ensino estaduais e municipais.

2007

A FVC cria a área de Estudos e Pesquisas Educacionais e realiza seu primeiro levantamento: *Ser Professor – O Que Pensam os Docentes que Atuam em Instituições Localizadas nas Principais Capitais Brasileiras*.

A Lei nº 11.738 estabelece o piso salarial dos docentes e indica que um terço da carga horária seja usado para atividades extraclasse. E o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) incentiva a formação continuada.

2008

A FVC esquadrinha currículos de instituições formadoras de professores e a aspiração das famílias por melhores escolas públicas. A McKinsey & Company analisa os sistemas nacionais e o Ministério da Educação (MEC) investiga os apontamentos da Prova Brasil.

A Emenda Constitucional (EC) nº 59 determina que até 2016 todas as pessoas de 4 a 17 anos devem estar matriculadas na escola e o MEC lança o Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor).

2009

A FVC divulga pesquisas sobre quatro temas: o perfil dos diretores escolares, o uso da tecnologia nas escolas públicas, a atratividade da carreira docente e um estudo de caso sobre a relação entre a gestão e a qualidade da Educação em dez escolas paulistas.

A Conferência Nacional de Educação (Conae) alcança ampla mobilização e apresenta um documento com subsídios para a elaboração do novo Plano Nacional de Educação (PNE – 2011/2020). O PNE, no entanto, ainda não foi aprovado pelo Congresso Nacional*.

2010

A FVC analisa a avaliação externa, a formação continuada, o papel do coordenador e a seleção de diretores. Um segundo estudo é lançado pela McKinsey & Company e o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) investiga o Ensino Médio.

2011

A FVC mapeia a Pedagogia a distância, o ensino de Matemática, os anos finais do Ensino Fundamental e a gestão da Educação Infantil. E a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco, sigla em inglês) examina as políticas docentes.

2012

A Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) lança uma série de publicações sobre o Programa Internacional de Avaliação de Alunos (Pisa, sigla em inglês) e o *The Economist* aponta as lições nas performances de vários países.

*Até a data da publicação desta edição especial, em agosto de 2013.

8

propostas para a Educação

Especialistas analisam as convergências reveladas pelo estudo e indicam caminhos para a melhoria do ensino

CAMILA CAMILO e FERNANDA SALLA fernanda.salla@fvc.org.br

1 Valorizar os docentes e a equipe escolar

SAIBA MAIS NO ESTUDO DA FVC
Análise sobre a atratividade da carreira docente no Brasil.
abr.io/carreira1

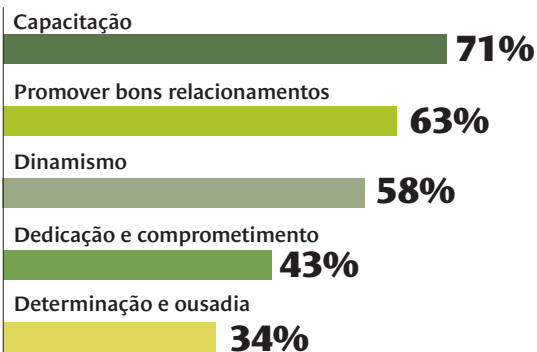
“**A**s formações continuadas oferecidas para professores e gestores no Brasil não atendem suas necessidades e não os valorizam. E isso é acentuado por condições de trabalho precárias e salários humilhantes.

Há muitos cursos, mas em geral os programas são fragmentados, focados em estratégias para ensinar certos conteúdos ou para garantir um bom desempenho em avaliações externas. O gestor enfrenta dificuldades específicas porque, quando deixa a sala de aula, leva consigo a experiência em ensinar, mas não em administrar. A formação voltada a ele não preenche essa lacuna e comumente é focada em temas como a didática.

A solução é promover uma formação centrada nas especificidades da escola e preocupada em responder aos problemas identificados. Isso não significa abandonar os conteúdos de base, mas dar mais atenção às prioridades de cada lugar. Com o foco certo, os educadores se sentirão mais valorizados e serão estimulados a refletir sobre suas práticas e transformá-las.”

VERA PLACCO é professora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

O QUE É ESSENCIAL PARA O TRABALHO DO COORDENADOR



FONTE: O COORDENADOR PEDAGÓGICO E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES, FVC, 2010

DICAS DE VERA PLACCO

Para o gestor

“Uma equipe afinada é capaz de montar um processo de avaliação que identifique o que os alunos aprenderam. Com todos mobilizados, fomente espaços de discussão e reflexão sobre o ensino.”

Para o professor

“Você é quem tem o poder de tirar o melhor proveito das formações que lhe são oferecidas. Assuma uma postura ativa para aproveitar essas oportunidades e aprender o tempo todo.”

SAIBA MAIS NO ESTUDO DA FVC

Como os estados têm usado o resultado das avaliações.
abr.io/avalia_ext

2 Usar as avaliações externas para aprimorar o ensino

“Olhar para os resultados de um trabalho é fundamental em qualquer gestão, inclusive na pedagógica. Mais que uma política pública, a avaliação serve para a sociedade monitorar o sistema de ensino e saber se o direito de aprendizagem dos alunos foi ou não atendido. E no Brasil, com tantas carências, não podemos deixar de dar sentido a isso.

O país tem produzido medidas que sintetizam o desempenho dos estudantes, mas ainda pode melhorar muito na transformação dos números em informações de utilidade pedagógica. Para que isso aconteça, os relatórios devem chegar às escolas em um formato que possa de fato ser utilizado por professores e gestores para direcionar suas decisões. Não basta saber apenas a nota média, como ocorre hoje.

Vale a pena observar o exemplo de Ontário, no Canadá. Lá, as escolas recebem os apontamentos da avaliação cerca de dois meses após ela ser realizada, um tempo bem menor do que no Brasil (onde isso se dá anos depois). Assim, a maioria dos diretores e professores usa os dados para identificar as áreas em que estão bem e aquelas que precisam de atenção. A evolução do desempenho dos estudantes ao longo dos anos mostra que isso faz a diferença no aprendizado. Por aqui, exceto em 2001, quando o Inep fez um esforço de produzir um relatório pedagógico substancial, pouco foi desenvolvido nesse sentido.

Um dos resultados gerados por uma avaliação é o mapa de itens. Ele indica o que foi aprendido em cada ponto da escala de avaliação e também o que os alunos ainda não sabem. O ideal é que os responsáveis pelos exames enviem relatórios para as instituições de ensino com os mapas comentados. Assim, será possível priorizar ações que atendam às dificuldades dos alunos e fazer intervenções mais efetivas.”

JOSÉ FRANCISCO SOARES é especialista em avaliação e medidas educacionais e pesquisador da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

NOTA POUCO CONHECIDA

47%

dos coordenadores pedagógicos não conhecem o Ideb de sua escola

FONTE O COORDENADOR PEDAGÓGICO E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES, FVC, 2010

DICAS DE JOSÉ FRANCISCO SOARES

Para o gestor

“Não basta você conhecer as notas, precisa fazer uma análise minuciosa, refletir sobre as informações e as transformar em ações para reverter os problemas de aprendizado apontados. Cobre, também, o acesso a dados mais completos. Dedique-se a entendê-los e usá-los.”

Para o professor

“Após conhecer os resultados e identificar as dificuldades dos seus alunos, recorde quando aqueles conteúdos e habilidades em que eles tiveram problemas foram ensinados e que estratégia didática você utilizou em cada um deles. Com base nisso, estabeleça o que pode mudar para que eles aprendam melhor!”

LIÇÕES APRENDIDAS

3 Incorporar a tecnologia à sala de aula

SAIBA MAIS NO ESTUDO DA FVC

Uma análise da formação de docentes a distância.
abr.io/pedagogia_ead

“As políticas públicas e os programas formulados pelas redes de ensino na área de tecnologia precisam ser mais eficazes na maneira de apoiar e acompanhar as escolas. A presença dos equipamentos não é suficiente. Embora não seja uma tarefa simples, deve-se garantir um suporte consistente às escolas. Não adianta ter os equipamentos e não ter tomadas adequadas ou oferecer banda larga e não assegurar uma equipe capacitada para lidar com a rede de computadores e consertar o que for preciso.

As ações nessa área precisam ser descentralizadas e focadas em quem está na ponta para que o professor se sinta seguro para usar as tecnologias a favor da aprendizagem dos estudantes. Comumente, o educador tenta usar, gosta, mas a situação é tão complicada – por exemplo, o computador fica quebrado muito tempo, a internet falha... – que ele desiste.

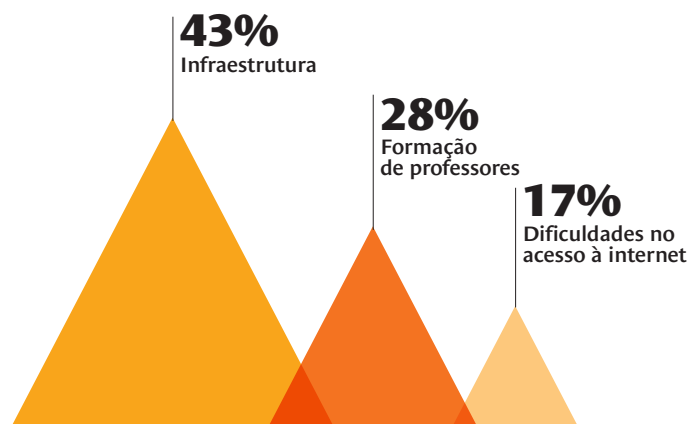
Além de uma estrutura mais robusta, as redes necessitam estimular o efetivo ingresso das escolas e dos educadores na cultura digital.

Isso é complexo porque exige uma mudança de paradigmas e o desenvolvimento de maneiras novas de trabalhar, focadas na colaboração, na coautoria e na interatividade, que caracterizam a revolução digital, algo que às vezes não está presente na estrutura das secretarias, seja na administração delas, nas formações ou nas propostas oferecidas às escolas. Uma alternativa é incentivar o trabalho colaborativo a distância em ambientes digitais entre professores e formadores da rede, para que todos experimentem as possibilidades de interação e de aprendizado em novos paradigmas e, assim, possam levá-las para seus alunos.

O uso das tecnologias também deve ser incluído no projeto pedagógico das instituições. Se a orientação está clara nesse documento, se foi uma construção do grupo, essa escola se organiza para aproveitar os recursos digitais como ferramenta de aprendizado, o que vai nortear o trabalho dos professores.”

MÁRCIA PADILHA é consultora para programas de uso educativo de tecnologias digitais

OS PRINCIPAIS PROBLEMAS



FONTE O USO DOS COMPUTADORES E DA INTERNET NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE CAPITAIS BRASILEIRAS, FVC, 2009

DICAS DE MÁRCIA PADILHA

Para o gestor

“Incentive todos na escola a usar a tecnologia como ferramenta para o desenvolvimento de bons trabalhos. Mobilize a equipe para diagnosticar as dificuldades de aprendizagem dos alunos e identificar como os recursos disponíveis podem colaborar para saná-las.”

Para o professor

“Como você é quem acompanha os estudantes no dia a dia, precisa ter uma postura ativa na busca por melhores soluções de aprendizagem. A tecnologia pode ser uma aliada, mas para isso você deve encontrar a melhor ferramenta para cada necessidade. Comunique à gestão suas observações para que os outros docentes possam se beneficiar das suas experiências.”

4 Articular as etapas da Educação Básica

SAIBA MAIS NO ESTUDO DA FVC
As dificuldades nos anos finais do Ensino Fundamental.
abr.io/anos_finais

“**A** Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio estão interligados do ponto de vista legal, constituindo a Educação Básica. Quem a termina pode pleitear uma vaga no Ensino Superior. Mas a lógica que existe na legislação não se mantém na real organização curricular. Na prática, há dispersão dos conteúdos ao longo das etapas e isso colabora para a evasão dos estudantes.

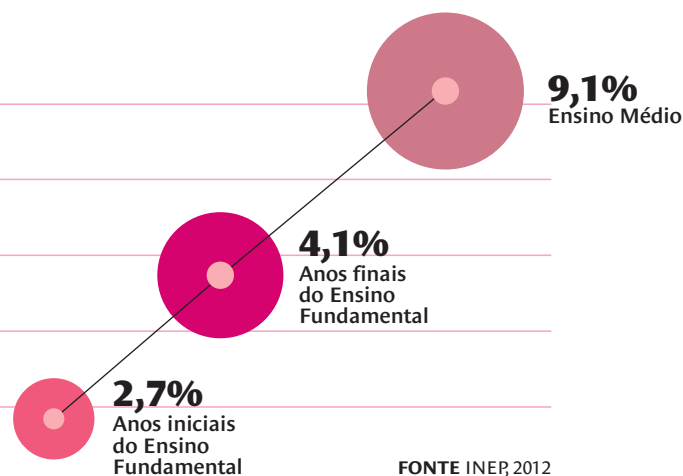
Temos um sistema nacional em que cada ente federativo tem atribuições próprias e reconhece o papel dos demais. Como prova disso, quem cursa o Ensino Fundamental no município é aceito no Ensino Médio da rede estadual. A grande questão a resolver é o currículo.

Quando as Diretrizes Curriculares Nacionais foram formuladas, na década de 1990, a intenção era ter uma base única e, ao mesmo tempo, assegurar a liberdade de estados e municípios de adaptar o que fosse necessário às suas realidades. Isso foi feito com o pressuposto de que teríamos um corpo docente com uma formação sólida para ensinar o que é indispensável em cada disciplina. Infelizmente, há vários empecilhos para que isso vire realidade e eles deveriam ser considerados na formulação de políticas públicas. A formação é insuficiente e os professores enfrentam precariedades, como escolas sem segurança e salários pouco atrativos.

Recomenda-se, portanto, a criação de um grupo que reúna as distintas esferas do governo, fóruns e conselhos. Ele realizaria um debate amplo sobre a relação entre a autonomia das secretarias e uma base curricular para todo o país, capaz de construir um currículo mínimo em consonância com a orientação legal das diretrizes e com as especificidades das escolas.”

CARLOS ROBERTO JAMIL CURY é docente da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG)

TAXAS DE ABANDONO ESCOLAR



FONTE INEP, 2012

DICAS DE CARLOS ROBERTO JAMIL CURY

Para o gestor

“Mobilize sua equipe e a família dos alunos para a construção do projeto político-pedagógico (PPP). Esse documento deve ter a identidade da escola e garantir uma coesão entre os conteúdos ensinados nas várias etapas. Depois que ele estiver formulado, garanta o cumprimento do que foi estabelecido e a realização de revisões quando necessário.”

Para o professor

“É óbvio que você está inserido em um sistema e não pode fazer nada sozinho, mas isso não significa que não pode fazer a sua parte. Participe da formulação do PPP, manifeste as necessidades dos alunos e opine sobre a articulação do currículo ao longo dos anos. Depois, coloque as orientações em prática.”

LIÇÕES APRENDIDAS

5 Criar mecanismos para melhorar o clima escolar

SAIBA MAIS NO ESTUDO DA FVC

Os segredos da gestão eficaz. abr.io/gestao1

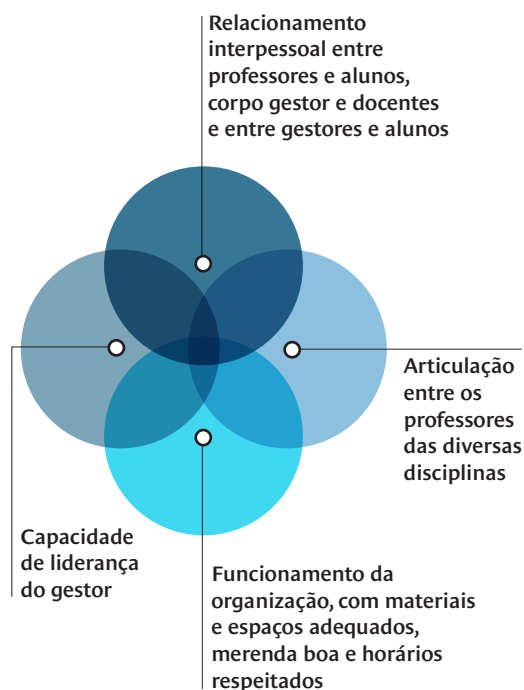
“A influência de um ambiente favorável à Educação no rendimento dos alunos é algo comprovado e estudado internacionalmente. O bom clima envolve o conjunto de relações estabelecidas entre estudantes, professores e equipe gestora, as ações pedagógicas e administrativas, a infraestrutura e as percepções de todos sobre a qualidade da vida escolar. Países como os Estados Unidos discutem intensamente esse tema. Mas no Brasil ele ainda está fora da agenda nacional, por isso há poucos debates e poucas propostas de melhoria.

Por aqui, também ainda não há uma forma sistematizada de diagnóstico para detectar como o clima está e o que interfere nele. O sistema de avaliação externa avançou muito nos últimos anos, mas ele avalia a escola pelo desempenho cognitivo do aluno, gerando apenas indicadores de efetividade. E não é possível saber que elementos impactam nessa efetividade. Precisamos de indicadores de processo que consigam detectar como está cada uma das variáveis envolvidas no clima escolar. Por exemplo, se há problema de relacionamento entre os alunos, qual é a causa e como isso afeta o aprendizado.

Os estudos já realizados nos dão algumas pistas do que interfere no ambiente (*leia sobre elas acima*). Para que o gestor consiga dar conta desses aspectos, é preciso que seja bem formado e escolhido com critério, sem que sejam levados em conta apenas seus saberes acadêmicos de Pedagogia. Já os governos precisam criar uma política ativa para valorizar e melhorar as relações na escola, desenvolver instrumentos de avaliação e disseminação e inseri-los nas formações dos educadores.”

FERNANDO LUIZ ABRUCIO é pesquisador da Fundação Getulio Vargas (FGV)

O QUE INFLUENCIA O CLIMA



FONTE GESTÃO ESCOLAR E QUALIDADE DA EDUCAÇÃO: UM ESTUDO SOBRE DEZ ESCOLAS PAULISTAS, FVC, 2010

DICAS DE FERNANDO LUIZ ABRUCIO

Para o gestor

“Busque conhecer bem sua equipe e, com base nesse diagnóstico, pense em estratégias que a motive para o trabalho educativo. Combater questões graves como a violência, por exemplo, depende muito da sua articulação e de sua capacidade de dialogar com os docentes, com os alunos e com a comunidade.”

Para o professor

“Ensinar não é apenas uma atividade cognitiva, envolve interação, persuasão e afeição. Para que tudo isso funcione bem, você precisa ter um envolvimento com a escola que vá além de transmitir os conteúdos obrigatórios dentro da sala de aula. Procure interagir com os colegas, os gestores e os alunos. Troque experiências e percepções com os outros docentes, busque orientação da equipe gestora e esteja sempre aberto a ouvir o que os alunos têm a dizer.”

6 Cuidar da qualidade e do acesso à Educação Infantil

SAIBA MAIS NO ESTUDO DA FVC
A gestão da Educação Infantil no Brasil.
abr.io/gestao_infantil

“Desde a primeira pesquisa sobre o tema, realizada nos Estados Unidos na segunda década do século 20, todos os estudos mostram que o fato de as crianças irem para a pré-escola influi positivamente nos resultados que apresentam na continuação da escolaridade, e quanto melhor essa experiência, mais significativos e duradouros são esses resultados.

Em matéria de acesso a essa etapa, o Brasil não está ruim, pois cerca de 80% da população de 4 e 5 anos é atendida e já foi estipulada a extensão da obrigatoriedade escolar para abranger a idade prevista para a pré-escola. O PNE, em tramitação no Congresso Nacional, também estipula metas para essa faixa etária.

Para alcançar esses objetivos, porém, o primeiro desafio é ter dados estatísticos mais confiáveis. Eles ainda são muito imprecisos e há discrepância entre os números do Inep e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Também é necessário olhar para as crianças não atendidas. Há desigualdades entre zonas rurais e urbanas e entre classes sociais que precisam ser revertidas.

Com relação à qualidade, estamos em má posição. Os ambientes de muitas creches e pré-escolas ainda são inadequados. Aspectos importantes de uma programação voltada para a faixa etária estão sendo negligenciados, como uma programação que crie oportunidades para as crianças ampliarem seus conhecimentos. Muitas iniciativas têm sido tomadas para melhorar esse quadro, mas ainda temos uma combinação nada frutífera: professores mal formados ou leigos e falta de currículos com sugestões de boas práticas.

Para superar essa situação, as instituições que formam professores devem reservar um espaço maior em seus currículos para conhecimentos sobre a Educação Infantil e as secretarias devem elaborar documentos curriculares que sigam as diretrizes nacionais e sejam adaptados à realidade local e aos recursos disponíveis.”

MARIA MALTA CAMPOS é pesquisadora da Fundação Carlos Chagas (FCC)

APRENDIZADO MELHOR

12%

é o ganho na nota da Provinha Brasil de alunos que tiveram uma boa Educação Infantil em relação aos demais

FONTE EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL: AVALIAÇÃO QUALITATIVA E QUANTITATIVA, FCC, 2010

DICAS DE MARIA MALTA CAMPOS

Para o gestor

“Providencie espaços adequados a crianças pequenas, com variedade de ambientes e materiais. O ideal é que as instituições tenham pátio e jardim externos seguros e atrativos para brincadeiras. Para monitorar a qualidade da unidade, faça uma avaliação com base nos Indicadores da Qualidade na Educação Infantil, produzidos pelo MEC. Além disso, fique atento à frequência dos pequenos e, quando alguém se ausentar muito, procure entender os motivos.”

Para o professor

“A Educação Infantil é um espaço de aprendizado, não apenas de cuidado. Apesar disso, não caia na armadilha de escolarizar precocemente as crianças. Nessa fase, o processo de aprendizagem deve ser qualitativo.”

LIÇÕES APRENDIDAS

7 Educar para as habilidades do futuro

SAIBA MAIS NO ESTUDO DO THE ECONOMIST
As lições de vários países na área da Educação.
thelearningcurve.pearson.com

“**A** Educação brasileira vive hoje o desafio de, ao mesmo tempo, solucionar problemas antigos e se adequar às demandas do futuro. O país ainda convive com falhas de infraestrutura como a ausência de bibliotecas, a raridade dos laboratórios de Ciências e o acesso ruim à internet. Outros problemas estão relacionados à desigualdade de condições entre escolas das zonas rural e urbana e entre unidades do centro e da periferia das grandes cidades. Tais pontos têm de ser resolvidos, claro, mas ao mesmo tempo as redes devem estar afinadas com as mudanças que a sociedade vive.

Os professores precisam saber lidar com os recursos que estão à sua disposição e que colaboram com o aprendizado, como vídeos, jogos e computadores conectados à internet. Tecnologias como essas permitem que a escola aborde habilidades típicas dos novos tempos,

como o trabalho em equipe, a cooperação e a solução de problemas. E também há temas contemporâneos, como participação cidadã e sustentabilidade, que precisam estar integrados ao currículo.

Para que essas novas ferramentas e abordagens sejam colocadas a favor da aprendizagem, é necessário investir na formação docente e ampliar os recursos disponíveis, que devem ser geridos com responsabilidade. Também são necessárias medidas que eliminem as desigualdades entre escolas da mesma rede e beneficiem aquelas com piores índices nas avaliações externas, a fim de que elas alcancem o mesmo patamar das que foram mais bem avaliadas.”

MARIA ALICE SETÚBAL é fundadora do Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (Cenpec)

ATITUDES CONTEMPORÂNEAS



Ser criativo, buscar a solução de problemas e aprender a aprender



Garantir a alfabetização digital para que mais pessoas possam usar as novas ferramentas



Exercer a cidadania e ser socialmente responsável



Aprimorar a colaboração e a comunicação no trabalho

FONTE THE LEARNING CURVE, 2012

DICAS DE MARIA ALICE SETÚBAL

Para o gestor

“Procure conhecer bem a comunidade em que a escola está inserida e identifique espaços públicos e privados, como museus e centros esportivos, com quem pode estabelecer acordos para atuar de maneira integrada. Esses parceiros vão ajudar a escola a se manter atualizada. Identifique as necessidades de formação dos educadores e garanta que os horários de trabalho coletivo sejam cumpridos e atendam a essas demandas.”

Para o professor

“Busque formação para se atualizar sobre os novos temas da sociedade e as tecnologias disponíveis para o ensino. Os alunos estão conectados o tempo todo, querem ser ativos e produzir conhecimento. Procure, então, entender o universo deles e trazer seus anseios para a prática pedagógica.”

8

Promover a aprendizagem de todos

“A garantia da aprendizagem tem estreita relação com o acesso à escola, a permanência nela e a conclusão de cada etapa na idade certa. Então, antes de qualquer aspecto, a universalização da aprendizagem requer que 100% das crianças e dos adolescentes brasileiros estejam matriculados e continuem na escola, aprendendo, o que não acontece atualmente. E isso não depende apenas dos órgãos educacionais, precisa de uma articulação com as políticas públicas em outros setores.

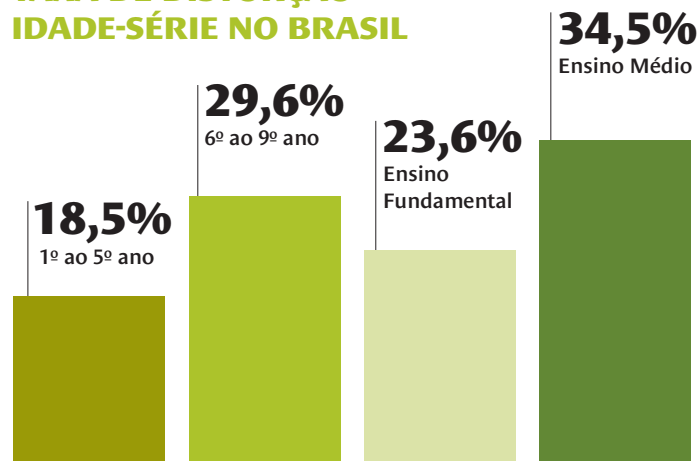
Os indicadores dessa área vêm melhorando gradativamente no Brasil, porém em ritmo lento diante de uma situação de extrema urgência. Um estudo realizado em 27 países identificou que o maior fator de exclusão escolar é o atraso decorrente da não aprendizagem e de sucessivos abandonos.

A qualidade da Educação é essencial para fazer com que nenhuma criança ou nenhum adolescente seja excluído da escola. Um levantamento feito com as redes que obtiveram os maiores avanços no Ideb constatou que elas tinham em comum seis práticas que podem ser inspiradoras na busca pela garantia do direito de aprender: foco na aprendizagem, aulas planejadas pelo professor em conjunto com a equipe pedagógica, acompanhamento individual, avaliação contínua dos estudantes, envolvimento da família e professores capacitados e motivados.

Essas e outras lições não podem ficar limitadas a poucas ilhas de excelência. As escolas que estão atingindo bons resultados precisam compartilhar seus conhecimentos e suas práticas com as que estão com dificuldades. Todas as redes têm o que ensinar e o que aprender.”

MARIA DE SALETE SILVA é coordenadora de Educação do Unicef

TAXA DE DISTORÇÃO IDADE-SÉRIE NO BRASIL



FONTE UNICEF, 2012

DICAS DE MARIA DE SALETE SILVA

Para o gestor

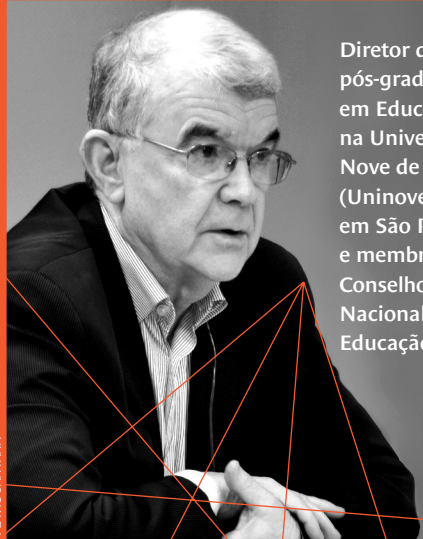
“Ajude a escola a criar condições para que o ensino de qualidade aconteça. Ela deve ser um local de encontro de tudo aquilo que promove a aprendizagem e isso inclui, além de materiais e infraestrutura, acompanhar de perto a prática do professor e abrir espaço para a participação da comunidade.”

Para o professor

“Ao organizar suas demandas de formação e assessoramento pedagógico tenha sempre em mente o fortalecimento da aprendizagem dos alunos. Lembre-se de que cada um aprende de uma maneira, por isso vale a pena construir estratégias para que a trajetória dos estudantes seja de sucesso.”

SAIBA MAIS NO ESTUDO DO UNICEF
Boas práticas de escolas públicas brasileiras.
abr.io/direito_aprender

ENTREVISTA JOSÉ EUSTÁQUIO ROMÃO



FLAVIO SANTANA

Diretor da pós-graduação em Educação na Universidade Nove de Julho (Uninove), em São Paulo, e membro do Conselho Nacional de Educação (CNE)

“Demos um salto, mas ainda há muito por fazer”

Pesquisadores e formuladores de políticas precisam se aproximar

ANA LIGIA SCACHETTI ana.scachetti@fvc.org.br

Embrora ainda existam problemas graves, a Educação brasileira tem conseguido avançar gradativamente para um patamar de maior qualidade. Para que esse movimento continue ocorrendo, é necessário, entre outros aspectos, que a interação entre os apontamentos das pesquisas realizadas sobre essa área e as decisões dos formuladores de políticas públicas se estreitem ainda mais. Acompanhe, na entrevista a seguir, as reflexões de José Eustáquio Romão, da Uninove, sobre como isso pode acontecer.

As políticas públicas poderiam se beneficiar mais do que é indicado pelos estudos e pesquisas em Educação?

JOSÉ EUSTÁQUIO ROMÃO É claro! Certa vez, na Uninove, promovemos um seminário no qual tentamos, e conseguimos, colocar *tête-à-tête* as agências financiadoras públicas de pesquisa, os pesquisadores da Educação, os responsáveis por formular e implementar políticas, e os que as concretizam na ponta. Foi uma discussão interessantíssima. Lamentavelmente, não tenho tido notícia de eventos da mesma natureza.

Como essa relação entre a produção dos pesquisadores e a decisão dos gestores pode ser aprimorada?

ROMÃO Tenho participado de uma experiência interessante no Conselho Nacional de Educação (CNE). Há um recurso anual que só pode

ser gasto com pesquisas e estudos encomendados por esse colegiado, no sentido de subsidiar os conselheiros com dados, informações e análises, para que melhor fundamentem e formulem seus pareceres nas centenas de processos que chegam. Assim, penso que os órgãos de governo formuladores de políticas poderiam ter recursos da mesma natureza, de modo a orientar as eventuais correções de rumos e ajustes de procedimentos.

Falta adequação dos estudos e das pesquisas (inclusive nos mestrados e nos doutorados) às necessidades das políticas?

ROMÃO Muitas vezes, o distanciamento das pesquisas acadêmicas em relação aos problemas prioritários da realidade educacional brasileira é quase abissal. Parece que não têm prestígio as pesquisas que se voltam para a solução imediata de problemas. Em geral, são acusadas de pragmatismo. Esse é um vício que tem sido alimentado pela academia, a começar pelas propostas de dissertação e de tese que não podem se apresentar como projetos de intervenção, mas de investigação distanciada da realidade. Quase só têm prestígio aqueles trabalhos feitos para que apenas os iniciados possam ler e usufruir.

A descontinuidade das políticas, causadas pelas mudanças de governo, ainda é um problema? Como isso pode ser contornado?

ROMÃO De um modo geral, planos, programas



e projetos são abandonados pelas novas administrações, sem que haja uma profunda avaliação do que funcionava e do que não surtia efeito. São simplesmente interrompidos. No campo educacional, além das perdas materiais – mais visíveis no desperdício de obras públicas abandonadas sem serem acabadas –, ocorre o prejuízo de uma cultura da descrença fundada no recorrente fatalismo do “isso não tem jeito mesmo”. Parece-me que o problema pode ser contornado com a progressiva expansão dos mecanismos de gestão colegiada direta, isto é, por meio dos conselhos de classe, escolares e municipais, com mandatos desencontrados dos agentes executivos.

As políticas públicas de Educação deram um salto positivo considerável desde a redemocratização do Brasil. Quais são os principais desafios daqui em diante?

ROMÃO É inegável que demos um salto na área de Educação. No entanto, há muito por fazer. Há questões educacionais que ainda estão esperando respostas, como é o caso da Educação para a população da zona rural, da Educação de adultos e da Educação Infantil, segmento em que os educadores carecem de formação.

A formação de professores e gestores tem acompanhado esse salto?

ROMÃO A formação continuada de gestores e professores tem sido fartamente desenvolvida no

país. Resta saber se o que é oferecido responde às demandas dos profissionais e às necessidades reais dos sistemas e das escolas. Em um levantamento simples, realizado com professores da rede pública da cidade de São Paulo, constatamos que eles estavam fartos de formação e, nem assim, deixavam de apresentar uma espécie de desencanto com a profissão. Parece que estavam bem preparados em conteúdo e pedagogicamente, mas muito desacomodados em relação à profissão e até mesmo em relação à própria vida. Atividades voltadas para o reencantamento com a carreira pareciam ser mais necessárias.

O que falta para mudar essa situação?

ROMÃO Em primeiro lugar, precisamos superar a incompreensão de que o professor é a peça-chave do processo educacional. Sem sentimentalismos, é preciso cuidar melhor de nossos educadores. Se vivemos numa sociedade que proclama a prioridade da Educação, mas ainda discute se se deve pagar um piso salarial profissional, aonde ela quer chegar? Se nossas autoridades educacionais continuarem desconfiando do professor, avaliando-o por instrumentos externos, ameaçando-o com *rankings*, penalidades e comparações odiosas com os que ganham bônus, aonde querem chegar? É preciso confiar mais nos professores. E é necessário que os docentes sejam seduzidos, no bom sentido da palavra, pela causa da Educação de qualidade. Isso se faz com bons salários, boa formação profissional e boas condições de trabalho. Não há segredo nem mágica.

Como pode-se diminuir a distância entre os gestores da Educação e os educadores?

ROMÃO Esse distanciamento diminuiu muito nas escolas de Educação Básica desde que surgiram os processos eleitorais para definição de diretores. Continuou grande e com tendência a aumentar nos sistemas educacionais em que a escolha dos gestores é feita por indicação ou por meio de concurso. A primeira modalidade deixa o dirigente a mercê de quem o indicou, em vez de transformá-lo em um representante da comunidade. O segundo modo de escolha o perpetua no cargo que deveria ter um mandato temporário. O melhor formato, a meu ver, é o que combina provas de avaliação de capacidade técnica, que a posição exige, a uma avaliação sobre a liderança, algo que só pode ser aferido nas urnas.



AFRICA

PARA O ITAÚ BBA, AS NOTAS QUE MAIS INTERESSAM SÃO AS NOTAS 10.

Acreditamos que somente
com educação de qualidade
para todos é possível construir
um país mais justo e formar
futuros líderes.

Saiba mais sobre os projetos
sociais que apoiamos.

www.itaubba.com



À frente. Por escolha.

Ilustração: Joyce Hesselberth.
Artista premiada pela Society of Illustrators.

